



Esporotricose em Gatos

Sporotrichosis in Cats

Juliane Alves de Queiroz Magalhães

Camilly Cristiny Fragoso

Resumo: A esporotricose felina é uma micose de caráter zoonótico causada por fungos do gênero *Sporothrix*, com destaque para *Sporothrix brasiliensis*, espécie de grande relevância na ocorrência da enfermidade em gatos no Brasil. O presente trabalho teve como objetivo realizar uma revisão de literatura sobre os principais aspectos etiológicos, epidemiológicos, clínicos, diagnósticos e terapêuticos da esporotricose felina, bem como suas formas de transmissão, medidas de prevenção e controle e sua importância zoonótica. Foi realizada uma revisão de literatura de caráter descritivo e qualitativo, com levantamento bibliográfico entre março e agosto de 2026 nas bases SciELO, PubMed, Google Acadêmico e Portal de Periódicos CAPES. Os estudos analisados demonstraram maior ocorrência da enfermidade em gatos machos, principalmente não castrados e com acesso ao ambiente externo. A transmissão ocorre principalmente por arranhaduras, mordeduras e contato com lesões e exsudatos de animais infectados. Clinicamente, predominam lesões cutâneas nodulares, granulomatosas e ulceradas, frequentemente localizadas na face, no focinho, nas orelhas e nos membros, podendo ocorrer formas disseminadas e manifestações respiratórias. O diagnóstico baseia-se na associação entre histórico epidemiológico, sinais clínicos e exames laboratoriais, destacando-se citopatologia, cultura micológica e técnicas moleculares, como a PCR. O itraconazol constitui o principal antifúngico empregado no tratamento, podendo ser associado ao iodeto de potássio em casos refratários. Conclui-se que o diagnóstico precoce, o tratamento adequado, a restrição do acesso dos felinos ao ambiente externo, o manejo seguro, a educação em saúde e a vigilância epidemiológica são medidas fundamentais para o controle da enfermidade. Por seu potencial zoonótico, a esporotricose felina deve ser abordada sob a perspectiva da Saúde Única.

Palavras-chave: esporotricose felina; zoonose; *Sporothrix brasiliensis*; felinos; medicina veterinária.

Abstract: Feline sporotrichosis is a zoonotic fungal disease caused by fungi of the genus *Sporothrix*, with emphasis on *Sporothrix brasiliensis*, a species of major relevance in feline cases in Brazil. This study aimed to conduct a literature review on the main etiological, epidemiological, clinical, diagnostic, and therapeutic aspects of feline sporotrichosis, as well as its transmission routes, prevention and control measures, and zoonotic importance. A descriptive and qualitative literature review was carried out, with bibliographic searches conducted between March and August 2026 in the SciELO, PubMed, Google Scholar, and CAPES Journal Portal databases. The studies analyzed showed a higher occurrence of the disease in male cats, especially non-neutered animals with outdoor access. Transmission occurs mainly through scratches, bites, and contact with lesions and exudates from infected animals. Clinically, nodular, granulomatous, and ulcerative skin lesions predominate, frequently affecting the face, muzzle, ears, and limbs, and disseminated forms and respiratory manifestations may also occur. Diagnosis is based on the association of epidemiological history, clinical signs, and laboratory tests, with emphasis on cytopathology, fungal culture, and molecular techniques such as PCR. Itraconazole is the main antifungal drug used for treatment and may be combined with potassium iodide in refractory cases. It is concluded that early diagnosis, appropriate treatment, restriction of outdoor access, safe handling, health

education, and epidemiological surveillance are essential measures for disease control. Due to its zoonotic potential, feline sporotrichosis should be addressed from a One Health perspective.

Keywords: feline sporotrichosis; zoonosis; *Sporothrix brasiliensis*; cats; veterinary medicine.

INTRODUÇÃO

A esporotricose é uma micose subcutânea crônica causada por fungos dimórficos associados ao complexo *Sporothrix schenckii*, com destaque para *Sporothrix brasiliensis*, espécie de grande relevância nos surtos zoonóticos observados na América Latina. Tradicionalmente relacionada à inoculação traumática de material orgânico contaminado, a doença apresentou importante mudança em seu perfil epidemiológico, assumindo caráter urbano e zoonótico em decorrência da participação dos felinos domésticos na disseminação do agente (Almeida-Paes *et al.*, 2024).

A enfermidade representa uma importante zoonose fúngica para a Medicina Veterinária e para a saúde pública brasileira. O aumento da ocorrência em felinos está relacionado a fatores como crescimento urbano irregular, aumento da população de animais errantes, limitações nas políticas de controle populacional felino e dificuldades de acesso ao diagnóstico e ao tratamento veterinário. A esporotricose apresenta distribuição mundial, com especial relevância epidemiológica na América Latina, principalmente devido à expansão dos casos zoonóticos associados aos gatos domésticos (Almeida-Paes *et al.*, 2024; Oliveira *et al.*, 2024).

No Brasil, a doença apresenta elevada importância epidemiológica, com ocorrência expressiva em diferentes regiões. Além do Rio de Janeiro, estados como São Paulo, Minas Gerais, Pernambuco e Rio Grande do Sul vêm registrando casos de esporotricose, reforçando a importância dos felinos na manutenção e disseminação da enfermidade no país (Oliveira *et al.*, 2024).

Os gatos domésticos desempenham papel central na cadeia de transmissão devido à elevada carga fúngica presente nas lesões cutâneas e em seus exsudatos. A transmissão ocorre principalmente por meio de arranhaduras, mordeduras e contato direto com material proveniente das lesões de animais infectados, favorecendo a disseminação entre felinos e também para seres humanos. Dessa forma, médicos-veterinários, tutores, tratadores e demais pessoas envolvidas no manejo de gatos infectados apresentam maior risco de exposição, evidenciando a relevância da esporotricose felina no contexto da Saúde Única (One Health) (Cavanaugh *et al.*, 2025).

Clinicamente, a esporotricose felina caracteriza-se principalmente por lesões cutâneas ulceradas, nodulares, crostosas e exsudativas, frequentemente localizadas na face, plano nasal, orelhas e extremidades dos membros. Em casos de maior extensão, a enfermidade pode apresentar formas disseminadas e comprometimento respiratório, demonstrando a importância do reconhecimento precoce das manifestações clínicas e da confirmação diagnóstica (Santos *et al.*, 2024; Almeida-Paes *et al.*, 2024).

Diante da expansão da esporotricose felina e de sua relevância para a Medicina Veterinária, epidemiologia e saúde pública, torna-se fundamental aprofundar o conhecimento acerca de seus principais aspectos. Assim, o presente trabalho tem como objetivo realizar uma revisão de literatura sobre a esporotricose em felinos domésticos, abordando seus aspectos etiológicos, epidemiológicos, formas de transmissão, manifestações clínicas, métodos diagnósticos, estratégias terapêuticas, medidas de prevenção e controle e sua importância zoonótica.

METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido por meio de uma revisão de literatura, de caráter descritivo e qualitativo, com o objetivo de reunir, analisar e sintetizar informações científicas relacionadas à esporotricose em felinos domésticos, contemplando seus aspectos etiológicos, epidemiológicos, clínicos, diagnósticos e terapêuticos, bem como seu potencial zoonótico e sua relevância para a Medicina Veterinária e a saúde pública.

O levantamento bibliográfico foi realizado entre março e agosto de 2026, mediante consulta às bases de dados e plataformas científicas Scientific Electronic Library Online (SciELO), PubMed, Google Acadêmico e Portal de Periódicos CAPES. Para a busca das publicações, utilizaram-se os seguintes descritores e palavras-chave, nos idiomas português e inglês, combinados por meio dos operadores booleanos AND e OR: “esporotricose felina”, “esporotricose zoonótica”, “*Sporothrix brasiliensis*”, “*Sporothrix schenckii*”, “sporotrichosis in cats”, “feline sporotrichosis” e “zoonotic sporotrichosis”.

Foram incluídos artigos científicos disponíveis na íntegra, publicados em português ou inglês, que abordassem diretamente a infecção por *Sporothrix* spp. Em felinos domésticos, com ênfase no papel de *S. brasiliensis*, nas formas de transmissão, nas manifestações clínicas, nos métodos de diagnóstico, nas opções terapêuticas e no papel epidemiológico do gato como fonte de infecção zoonótica. Priorizaram-se publicações recentes (últimos 10 anos), sem exclusão de artigos clássicos e relevantes para a contextualização do tema, além de boletins e manuais técnicos oficiais de saúde pública.

Como critérios de exclusão, desconsideraram-se trabalhos duplicados, resumos de eventos sem texto completo disponível, estudos focados exclusivamente em outras espécies animais ou na esporotricose humana sem correlação com o reservatório felino, e publicações que não atendam ao escopo do trabalho.

Os materiais selecionados foram submetidos à leitura analítica e organizados segundo os eixos temáticos da revisão: etiologia e epidemiologia, transmissão e aspectos zoonóticos, manifestações clínicas, diagnóstico laboratorial, condutas terapêuticas e medidas de prevenção e controle. Por fim, realizou-se a integração e síntese crítica dos dados, fundamentando a discussão sobre o manejo da enfermidade na rotina veterinária e na saúde única.

OBJETIVOS

Realizaremos uma revisão de literatura sobre a esporotricose felina, analisando os principais aspectos etiológicos, epidemiológicos, clínicos, diagnósticos e terapêuticos da enfermidade, com destaque para sua relevância zoonótica.

- Descrever os principais aspectos relacionados ao agente etiológico da esporotricose felina, com destaque para a espécie *Sporothrix brasiliensis*;
- Analisar os principais aspectos epidemiológicos da enfermidade em felinos domésticos;
- Caracterizar as vias de transmissão da esporotricose felina, ressaltando sua relevância zoonótica;
- Descrever as principais manifestações clínicas apresentadas por felinos acometidos;
- Identificar os métodos empregados no diagnóstico da enfermidade;
- Analisar as principais estratégias terapêuticas utilizadas no tratamento dos gatos infectados;
- Evidenciar as principais medidas de prevenção e controle da esporotricose felina.

ETIOLOGIA

A esporotricose felina é uma micose causada por fungos pertencentes ao gênero *Sporothrix*, caracterizados por apresentarem dimorfismo térmico e capacidade de alternar entre as formas filamentosa e leveduriforme durante o processo de infecção. Entre as espécies pertencentes ao clado patogênico encontram-se *Sporothrix brasiliensis*, *Sporothrix schenckii*, *Sporothrix globosa* e *Sporothrix luriei*, capazes de causar infecções em animais e seres humanos (Barros *et al.*, 2025).

Entre essas espécies, *Sporothrix brasiliensis* apresenta especial importância para a esporotricose felina no Brasil, sendo considerada a principal espécie envolvida na ocorrência da enfermidade em gatos e apresentando elevado potencial de transmissão enzootica e zoonótica (Bedrikow; Novais-Mencalha, 2022).

A relevância de *S. brasiliensis* na população felina brasileira também foi demonstrada por Barros *et al.* (2025), em estudo realizado na Ilha de São Luís, Maranhão. Foram avaliados 46 gatos, e todas as amostras analisadas foram confirmadas como *S. brasiliensis* por meio da amplificação por PCR do gene da calmodulina (CAL), utilizando primers específicos para a espécie. Posteriormente, a análise filogenética demonstrou identidade genética entre 90% e 100% com sequências de referência de *S. brasiliensis*, constituindo a primeira confirmação molecular descrita pelos autores dessa espécie como agente da esporotricose felina na Ilha de São Luís (Barros *et al.*, 2025).

O dimorfismo térmico apresentado pelo gênero *Sporothrix* constitui uma característica biológica e patogênica determinante do agente. No ambiente (temperatura ambiente em torno de 25 °C), o fungo se desenvolve na fase filamentosa (saprofítica), enquanto nos tecidos do hospedeiro (temperatura corporal em torno de 37 °C), ocorre a transição para a fase leveduriforme (parasitária), demonstrando sua elevada capacidade de adaptação às diferentes condições microbiológicas e fisiológicas (Barros *et al.*, 2025).

EPIDEMIOLOGIA

A esporotricose felina apresenta crescente importância epidemiológica no Brasil, especialmente em áreas urbanas, onde os gatos domésticos desempenham papel central na manutenção e disseminação da enfermidade. Nas últimas décadas, observou-se um aumento expressivo dos casos associados a *Sporothrix brasiliensis* em diferentes regiões do país. O surto epidêmico-zoonótico, inicialmente concentrado no estado do Rio de Janeiro, expandiu-se progressivamente para outros estados das regiões Sul e Sudeste, como São Paulo e Rio Grande do Sul, além de apresentar um crescimento preocupante no número de registros na região Nordeste (Bedrikow; Novais-Mencalha, 2022).

Determinadas características individuais e comportamentais dos felinos têm sido frequentemente associadas à infecção pelo fungo. Em estudo realizado no Hospital Veterinário Municipal de São Luís, Maranhão, foram analisados 111 prontuários de gatos com suspeita ou diagnóstico confirmado de esporotricose atendidos entre junho de 2024 e julho de 2025. Houve predominância de animais machos, com idade compreendida entre um e seis anos, não castrados e com livre acesso ao ambiente externo (semidomiciliados). Os casos estiveram distribuídos por diferentes bairros do município, demonstrando expressiva disseminação da enfermidade na malha urbana (Passos *et al.*, 2026).

O acesso ao ambiente externo constitui um fator de risco epidemiológico determinante, uma vez que eleva a probabilidade de contato direto dos felinos com animais infectados em disputas territoriais ou acasalamento, bem como a exposição a substratos orgânicos contaminados no meio ambiente. Dessa forma, gatos inteiros (não castrados) e com acesso à rua constituem o perfil epidemiológico predominantemente identificado nos estudos sobre a doença. Em São Luís, a elevada frequência dessas características entre os animais atendidos reforçou a estreita associação entre o manejo inadequado com semi-liberdade e a ocorrência da esporotricose felina (Passos *et al.*, 2026).

Além dos fatores individuais, aspectos territoriais e limitações inerentes aos sistemas de vigilância epidemiológica interferem diretamente na compreensão do real cenário da doença no país. Em Guarulhos, São Paulo, Scuarcialupi *et al.* (2025) avaliaram a ocorrência da esporotricose felina nos setores censitários do município e ressaltaram que áreas sem notificações oficiais não devem ser interpretadas como isentas da enfermidade, visto que a subnotificação e falhas na busca ativa

podem mascarar focos de transmissão importantes. Entre 2011 e 2019, registraram-se 2.953 casos de esporotricose felina no município, apresentando distribuição espacial heterogênea ao longo dos anos (Scuarcialup *et al.*, 2025).

Diante desse panorama, o fortalecimento da vigilância epidemiológica da esporotricose felina torna-se imprescindível para mapear áreas críticas, identificar populações de felinos sob maior risco e direcionar estratégias eficientes de prevenção e controle. A implementação de estratégias de vigilância ativa aliada ao geoprocessamento e à análise espacial dos casos é fundamental para subsidiar ações de saúde pública, especialmente em regiões onde a subnotificação compromete a mensuração do real impacto da enfermidade (Scuarcialupi *et al.*, 2025).

TRANSMISSÃO E RELEVÂNCIA ZONÓTICA

A transmissão da esporotricose felina pode ocorrer a partir do contato com o agente presente no ambiente ou, principalmente no contexto urbano brasileiro, por meio da interação direta com gatos infectados. Fungos do gênero *Sporothrix* apresentam comportamento saprofítico e podem ser encontrados no solo, em matéria orgânica e em vegetação em decomposição, possibilitando a infecção clássica após a inoculação traumática do agente na pele (ex.: perfuração por espinhos ou farpas de madeira). Entretanto, nas áreas endêmicas do Brasil, a transmissão zoonótica associada aos felinos adquiriu maior importância epidemiológica, especialmente em decorrência da participação marcante de *Sporothrix brasiliensis* na cadeia epidemiológica (Bedrikow; Novais-Mencalha, 2022; Passos *et al.*, 2026).

Entre a população felina, as arranhaduras e/ou mordeduras constituem os principais mecanismos de inoculação traumática do fungo, ocorrendo predominantemente durante disputas territoriais, acasalamento e outras interações agressivas. Por essa razão, felinos não castrados e com livre acesso ao ambiente externo apresentam maior vulnerabilidade e exposição ao contato com animais infectados. Além da inoculação por traumas, o contato direto com as lesões ulceradas e seus exsudatos representa uma importante via de contaminação. No Brasil, acidentes envolvendo arranhaduras ou mordeduras e o contato da pele íntegra ou lesionada com exsudatos de gatos doentes configuram as principais formas de transmissão da enfermidade (Bedrikow; Novais-Mencalha, 2022).

Uma característica microbiológica e histopatológica particularmente determinante na espécie felina é a expressiva carga fúngica (formas leveduriformes) albergada em suas lesões cutâneas e exsudatos, substancialmente superior à observada em outras espécies animais e nos seres humanos. Essa elevada densidade de microrganismos maximiza o potencial de disseminação e consolida o gato como o principal hospedeiro amplificador da infecção. Adicionalmente, hábitos comportamentais inerentes à espécie — como o grooming (autolimpeza por lambedura) — favorecem a autoinoculação para outras regiões anatômicas e a deposição contínua de leveduras na cavidade oral e nas garras, tornando a unha um

fômito biológico altamente eficiente na manutenção do ciclo infeccioso (Bedrikow; Novais-Mencalha, 2022; Passos *et al.*, 2026).

A conjugação entre a altíssima carga fúngica tecidual, o comportamento territorialista dos felinos e o convívio próximo com a espécie humana explica a elevada eficiência e a magnitude da transmissão zoonótica observada nas áreas urbanas. A infecção humana ocorre majoritariamente por via percutânea, decorrente de traumas causados por arranhaduras, mordeduras ou pelo contato direto da pele com o exsudato das lesões durante o manejo, contenção ou cuidados de higiene do felino acometido. Nesse contexto, a implementação de medidas efetivas de controle da esporotricose na população felina é pilar indispensável para interromper a cadeia de transmissão animal e mitigar os riscos de ocorrência de novos casos na saúde humana (Passos *et al.*, 2026).

MANIFESTAÇÕES CLÍNICAS

A esporotricose felina manifesta-se predominantemente por meio de alterações dermatológicas, as quais apresentam diferentes padrões morfológicos e graus variáveis de extensão tecidual. As lesões cutâneas podem ser nodulares, granulomatosas, ulceradas ou exibir características mistas (nódulo-ulcerativas), variando desde quadros localizados até formas graves com comprometimento de múltiplas regiões anatômicas. Entre os sítios anatômicos mais frequentemente acometidos estão a cabeça e os membros, com destaque para a região nasal (focinho e espelho nasal), face, pavilhão auricular e extremidades distais dos membros (Passos *et al.*, 2026).

No estudo epidemiológico e clínico realizado por Passos *et al.* (2026), envolvendo 111 felinos atendidos no Hospital Veterinário Municipal de São Luís, as lesões de padrão granulomatoso foram observadas em 45% dos casos, enquanto as lesões puramente ulceradas corresponderam a 14%, e a sobreposição/associação entre os dois padrões morfológicos foi identificada em 6% dos animais. Quanto à distribuição topográfica, a forma cutânea disseminada foi a apresentação mais frequente, identificada em 52,2% dos felinos e caracterizada pelo acometimento concomitante de duas ou mais regiões corporais distintas. A região cefálica (incluindo plano nasal, plano facial e orelhas) e os membros constituíram as áreas de maior predileção, embora também tenham sido registradas lesões em regiões como o dorso e o abdômen (Passos *et al.*, 2026).

A elevada prevalência das formas disseminadas também foi documentada por Barros *et al.* (2025) ao avaliarem 46 gatos acometidos na Ilha de São Luís. Nesse levantamento, aproximadamente 70% dos animais apresentaram a forma cutânea disseminada, exibindo lesões multifocais predominantemente localizadas na face, orelhas, caixa torácica e membros, o que consolida a frequência e a relevância desse padrão clínico na espécie felina (Barros *et al.*, 2025).

Além do evidente comprometimento dermatológico, sinais de acometimento do sistema respiratório são frequentemente observados em felinos com esporotricose,

decorrentes da extensão das lesões do plano nasal para as conchas nasais e vias aéreas. No estudo de Passos *et al.* (2026), 30,6% dos animais exibiram manifestações respiratórias, caracterizadas por dispneia, espirros frequentes (com ou sem secreção nasal mucopurulenta ou hemorrágica), respiração laboriosa e estertores. A presença dessas alterações respiratórias correlaciona-se a um quadro clínico de maior gravidade, indicando progressão da enfermidade e pior prognóstico para o paciente (Passos *et al.*, 2026).

DIAGNÓSTICO

O diagnóstico da esporotricose felina deve ser estabelecido mediante a correlação sistemática entre a anamnese e o histórico epidemiológico, as manifestações clínicas e a realização de exames laboratoriais complementares. A presença de lesões cutâneas nodulares, granulomatosas ou ulceradas levanta forte suspeita da enfermidade em felinos oriundos de áreas endêmicas; contudo, a avaliação exclusivamente clínica apresenta severas limitações, visto que outras dermatopatias infecciosas (como criptococose, leishmaniose, micobacteriose e piodermites) e neoplásicas (como o carcinoma espinocelular) podem simular quadros dermatológicos semelhantes. Portanto, a confirmação laboratorial é imprescindível para assegurar a precisão diagnóstica e fundamentar a conduta terapêutica (Passos *et al.*, 2026).

A citopatologia constitui um método de triagem rápida de extrema utilidade na rotina médica veterinária, propiciado pela altíssima carga de estruturas leveduriformes habitualmente presentes nas lesões cutâneas dos felinos. O exame pode ser realizado por meio de imprint da lesão ulcerada diretamente em lâmina de vidro ou por aspiração por agulha fina (AAF), permitindo a visualização microscópica de leveduras pleomórficas (em formato de “charuto” ou ovóides), intrafagocitárias ou livres, compatíveis com *Sporothrix* spp. Além da citopatologia, podem ser empregadas técnicas como a histopatologia, imuno-histoquímica, cultura fúngica e ensaios moleculares, a depender da disponibilidade e da necessidade de confirmação diagnóstica (Bedrikow; Novais-Mencalha, 2022).

A cultura micológica é consagrada como o método padrão-ouro para o diagnóstico confirmatório da esporotricose, por permitir o isolamento microbiológico e a observação da conversão do dimorfismo térmico do agente. Entretanto, uma de suas principais limitações na prática clínica é o tempo de incubação requerido para o crescimento fúngico, que varia habitualmente de 10 a 14 dias, podendo estender-se por até 30 dias. Esse intervalo prolongado pode retardar a confirmação do caso e o início do protocolo terapêutico. A histopatologia de fragmentos obtidos por biópsia cutânea também é uma valiosa ferramenta complementar, cuja sensibilidade é incrementada pelo uso de colorações histoquímicas especiais, como o Ácido Periódico de Schiff (PAS) e a Metenamina de Prata de Grocott (GMS), que evidenciam a parede celular do fungo (Bedrikow; Novais-Mencalha, 2022).

Nesse cenário, a reação em cadeia da polimerase (PCR) destaca-se como uma ferramenta de diagnóstico molecular de alta sensibilidade e especificidade,

viabilizando a detecção e identificação do agente em um curto intervalo de tempo. Gonsales *et al.* (2020), ao avaliarem lesões cutâneas de gatos em área endêmica, observaram positividade para *Sporothrix* spp. Por PCR e/ou cultura em 87,1% dos casos. A identificação específica de *Sporothrix brasiliensis* foi obtida em 81,4% dos animais via PCR, enquanto o isolamento fúngico identificou a espécie em 71,4%, com concordância de 65,7% de positividade em ambos os métodos. Os autores concluíram que a PCR realizada diretamente a partir de exsudatos ou fragmentos de lesões apresenta elevada concordância com o isolamento fúngico, contribuindo significativamente para um diagnóstico ágil e para a caracterização da espécie envolvida (Gonsales *et al.*, 2020).

A relevância das ferramentas moleculares também foi demonstrada por Barros *et al.* (2025), ao submeterem os isolados fúngicos provenientes de 46 gatos acometidos em São Luís à PCR espécie-específica seguida de sequenciamento genético e análise filogenética. A amplificação de um trecho do gene da calmodulina (CAL), utilizando primers específicos, confirmou a infecção por *S. brasiliensis* em 100% das amostras (46/46), ratificando a precisão do diagnóstico genotípico para a identificação da espécie causadora (Barros *et al.*, 2025).

Apesar do avanço metodológico, o amplo acesso aos exames confirmatórios de alta complexidade ainda enfrenta barreiras na rotina clínica diária. Passos *et al.* (2026) constataram que, entre 111 felinos atendidos no Hospital Veterinário Municipal de São Luís, 54% receberam o diagnóstico pautado exclusivamente no exame clínico-epidemiológico, ao passo que 44% foram diagnosticados pela associação entre clínica e citopatologia, e apenas 3% contaram com confirmação por métodos microbiológicos/laboratoriais isolados. Os autores ressaltam que a predominância de diagnósticos exclusivamente empíricos ou clínicos pode suscitar falhas de subnotificação e erros terapêuticos, evidenciando a urgência em democratizar o acesso aos exames laboratoriais confirmatórios na medicina veterinária do país (Passos *et al.*, 2026).

TRATAMENTO

O tratamento da esporotricose felina fundamenta-se na administração prolongada de antifúngicos sistêmicos, sendo o itraconazol consagrado como o fármaco de primeira escolha na medicina veterinária. Sua utilização como monoterapia apresenta elevada eficácia descrita na literatura, em especial para animais com apresentações cutâneas localizadas e sem comprometimento sistêmico grave. Todavia, a resposta terapêutica é variável e depende diretamente de fatores como a extensão, quantidade e profundidade das lesões, o envolvimento de estruturas extracutâneas, a carga fúngica tecidual, o estado imunológico do hospedeiro e a eventual ocorrência de falha ou resistência aos azólicos (Gremião *et al.*, 2021).

A terapia antifúngica exige um período prolongado de manutenção, estendendo-se habitualmente por vários meses. A cicatrização completa e a

regressão total de todas as lesões dermatológicas e mucosas constituem o critério clínico primário para a avaliação da remissão do quadro, sendo contraindicada a suspensão do medicamento imediatamente após a aparente melhora visível. Recomenda-se a continuidade da administração do itraconazol por, no mínimo, quatro semanas adicionais após a cura clínica completa (período de segurança/cura clínica estendida), acompanhada de monitoramento veterinário rigoroso. Em felinos que apresentam lesões em mucosa nasal, plano nasal ou sinais respiratórios persistentes, o período de tratamento deve ser ainda mais prolongado, dado o elevado risco de recidiva ou permanência de focos fúngicos profundos (Gremião *et al.*, 2021; Bedrikow; Novais-Mencalha, 2022).

Diante de casos refratários à monoterapia, resposta clínica insatisfatória, infecções fúngicas profundas ou apresentações de maior gravidade, a associação do itraconazol com a solução saturada de iodeto de potássio representa a principal conduta de segunda linha. Esse protocolo combinado é especialmente indicado em felinos com lesões extensas, acometimento do plano nasal/vias aéreas superiores ou histórico de falha terapêutica prévia com o azólico isolado. Apesar da excelente resposta terapêutica, o iodeto de potássio pode induzir reações adversas e sinais de iodismo (como anorexia, depressão, hipersalivação, alteração do pelo e descamação), demandando acompanhamento clínico e avaliação do perfil bioquímico renal e hepático durante o protocolo (Gremião *et al.*, 2021; Podestá Junior *et al.*, 2022).

A eficiência dos protocolos de tratamento foi corroborada por Podestá Júnior *et al.* (2022) em um estudo retrospectivo conduzido no município de Vitória, Espírito Santo. Dos 95 felinos diagnosticados com esporotricose, 72 foram submetidos a tratamento ativo com itraconazol isolado ou associado ao iodeto de potássio. Entre os animais que concluíram o acompanhamento, 69 alcançaram a cura clínica completa (taxa de sucesso de 94,2%), ao passo que três animais foram submetidos à eutanásia em virtude da refratariedade e ineficácia terapêutica. Esses achados ratificam que a instituição precoce e o acompanhamento veterinário adequado resultam em elevados índices de cura clínica na população felina (Podestá Junior *et al.*, 2022).

Em cenários de refratariedade grave e lesões persistentes, abordagens terapêuticas adjuvantes ou de resgate tornam-se necessárias. A anfotericina B figura como alternativa complementar, podendo ser administrada por via intralesional em associação ao itraconazol oral para favorecer a redução da massa tumefacta/granulomatosa. O emprego de formulações lipídicas (como a anfotericina B em complexo lipídico ou lipossomal) confere substancial redução do risco de nefrotoxicidade quando comparado ao desoxicolato de anfotericina B convencional, sendo indicado para apresentações disseminadas graves. Adicionalmente, procedimentos como a criocirurgia vêm se consolidando como terapêutica física adjuvante para o manejo de lesões dermatológicas focais ou nodulares persistentes com resposta insatisfatória à farmacoterapia isolada (Gremião *et al.*, 2021; Bedrikow; Novais-Mencalha, 2022).

O monitoramento clínico e laboratorial contínuo durante a terapia antifúngica é indispensável para a detecção precoce de reações adversas. O itraconazol associa-se com frequência a distúrbios gastrointestinais (anorexia, êmese e diarreia) e, com menor frequência, à hepatotoxicidade idiossincrática ou dose-dependente, justificando a dosagem periódica de enzimas hepáticas (como ALT e FA). Caso sejam identificadas alterações clínicas ou bioquímicas de toxicidade, preconiza-se a suspensão temporária do fármaco, adequação de dose ou introdução de hepatoprotetores sob estrita orientação médica-veterinária (Gremião *et al.*, 2021).

Por fim, a adesão e o engajamento do tutor constituem um dos maiores entraves ao sucesso terapêutico no manejo da esporotricose felina. Tratando-se de um protocolo de longa duração que exige administração diária de medicamentos, custos financeiros contínuos e riscos biológicos durante a manipulação do felino, a interrupção precoce por melhora clínica aparente é causa frequente de recaídas e seleção de cepas fúngicas resistentes. Dificuldades operacionais de contenção física do animal, limitações orçamentárias do responsável e o receio do contágio zoonótico figuram entre os principais determinantes do abandono de tratamento e do abandono de animais. Dessa forma, a educação em saúde, a comunicação clara sobre a natureza da doença e a assistência veterinária continuada são pilares basilares para a viabilidade e êxito da conduta terapêutica (Podestá Júnior *et al.*, 2022; Passos *et al.*, 2026).

PREVENÇÃO E CONTROLE

A prevenção e o controle da esporotricose felina fundamentam-se na detecção precoce dos animais acometidos e na pronta instituição da terapia antifúngica, visto que a postergação no diagnóstico e no tratamento perpetua a permanência de felinos infectados com alta carga fúngica como fontes de infecção na cadeia epidemiológica. Desse modo, o fortalecimento da infraestrutura de diagnóstico laboratorial e a ampliação do acesso ao atendimento médico-veterinário público e comunitário configuram-se como medidas basilares para conter a expansão da enfermidade, em especial nas áreas endêmicas e de vulnerabilidade socioambiental (Gonsales *et al.*, 2020; Passos *et al.*, 2026).

Durante todo o período de tratamento e até a confirmação da cura clínica, os gatos suspeitos ou diagnosticados com a enfermidade devem ser mantidos em isolamento físico em ambientes privativos, secos, higienizados e totalmente restritos ao ambiente externo, eliminando a possibilidade de novos contatos interpessoais ou interespecíficos e prevenindo a contaminação ambiental. A rotina de sanitização do recinto deve ser associada a rigorosas medidas de biossegurança individual por parte dos tutores e profissionais de saúde, incluindo o uso indispensável de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) como luvas de procedimento descartáveis e aventais durante a contenção, manipulação do animal, administração de medicamentos ou higienização de lesões e exsudatos, dado o inerente risco de transmissão zoonótica (Barros *et al.*, 2025; Passos *et al.*, 2026).

A promoção da guarda responsável e o bem-estar animal constituem pilares indispensáveis nas estratégias preventivas. A permissão de livre acesso às ruas (semidomiciliação) eleva substancialmente a exposição dos felinos ao contato direto com animais infectados em disputas territoriais ou acasalamentos, favorecendo a disseminação do fungo. No levantamento conduzido por Passos *et al.* (2026), 78,2% dos felinos acometidos eram semidomiciliados com acesso à rua, ao passo que somente 2,7% eram mantidos exclusivamente em ambiente estritamente domiciliado. Esses dados reforçam a urgência na conscientização sobre a manutenção dos felinos no interior das residências, o enriquecimento ambiental e a expansão de programas públicos de esterilização cirúrgica (castração) para redução do comportamento vagante e agressivo entre machos inteiros.

Ações contínuas de Educação em Saúde devem integrar e fortalecer os programas municipais de controle de zoonoses. É fundamental capacitar a população para o reconhecimento precoce de lesões dermatológicas suspeitas no plano nasal, na face e nas extremidades, orientando sobre a importância da busca imediata por assistência veterinária, da não interrupção prematura do tratamento e dos cuidados de contenção e higienização. A articulação intersetorial integrando a assistência médico-veterinária, os órgãos de Vigilância em Saúde e a comunicação comunitária é apontada como diretriz crucial para conter o avanço da esporotricose nas áreas urbanas (Passos *et al.*, 2026).

Por fim, a consolidação de um sistema robusto de Vigilância Epidemiológica é imprescindível para mapear a dinâmica de dispersão geográfica do fungo e identificar áreas com potencial ocorrência de subnotificações de casos. A implementação da notificação compulsória de casos felinos e a busca ativa focal constituem ferramentas valiosas para a detecção precoce de surtos e para o direcionamento estratégico de recursos públicos de saúde, assegurando que o silêncio epidemiológico de determinadas regiões não seja erroneamente interpretado como ausência do agente causador (Scurcialupi *et al.*, 2025).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão realizada demonstra que a esporotricose felina possui grande importância para a Medicina Veterinária e para a saúde pública, principalmente pela participação do

Sporothrix brasiliensis na transmissão zoonótica no Brasil. A doença está associada principalmente a gatos machos, não castrados e com acesso à rua, apresentando com frequência lesões cutâneas, especialmente na região da cabeça e dos membros, podendo evoluir para formas disseminadas e comprometimento respiratório. O diagnóstico depende da avaliação clínica e epidemiológica, complementada por exames laboratoriais, enquanto o itraconazol permanece como principal tratamento, com outras opções em casos mais graves ou resistentes. Dessa forma, o diagnóstico precoce, o tratamento adequado, a guarda responsável, a castração, o isolamento dos animais infectados, as medidas de biossegurança e a

vigilância epidemiológica são fundamentais para reduzir a disseminação da doença, destacando a importância da atuação integrada dentro dos princípios da Saúde Única.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA-PAES, R.; VALLE, A. C. F.; FREITAS, D. F. S.; MACEDO, P. M.; ZANCOPÉ-OLIVEIRA, R. M.; GUTIÉRREZ-GALHARDO, M. C. **The present and future research agenda of sporotrichosis on the silver anniversary of zoonotic sporotrichosis in Rio de Janeiro, Brazil.** *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, v. 119, e230208, p. 1-14, 2024. DOI: 10.1590/0074-02760230208.
- BARROS, A. F.; VITOR, J. S.; ESPOSITO, Y. R. C. M.; OLIVEIRA, N. S.; SILVA, E. M. C.; BEDRIKOW, S. L.; NOVAIS-MENCALHA, R. Esporotricose felina responsiva ao tratamento com itraconazol em São Paulo: relato de caso. **PUBVET**, v. 16, n. 11, a1260, p. 1-9, nov. 2022. DOI: 10.31533/pubvet.v16n11a1260.1-9.
- BENITES, N. R. Direct PCR of lesions suggestive of sporotrichosis in felines. **Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia**, v. 72, n. 5, p. 2001-2006, 2020. DOI: 10.1590/1678-4162-11743.
- CAVANAUGH, A. M.; RIBEIRO DOS SANTOS, A.; PRADO, C. M.; BRUNELLI, J. P.; THOMSON, P.; GREMIÃO, I.; SMITH, D. J.; ALMEIDA-PAES, R.; COGNIALI, R. C. R.; PEREIRA, S. A.; MEIJER, E. F. J.; CACERES, D. H.; CHOW, N.; LOCKHART, S. R.; FREITAS, D. F. S.; POESTER, V. R.; BREDÁ, G. L.; CAVASSIN, F. B.; ALMEIDA, S. R.; MILLINGTON, M. A.; AGUIRRE, D.; CHILLER, T.; QUEIROZ-TELLES, F. International Society for Human and Animal Mycology (ISHAM) One Health Sporotrichosis Working Group Proceedings—Bogotá, Colombia, 2024 INFOCUS Conference. **Medical Mycology**, v. 63, n. 11, myaf101, p. 1-12, 2025. DOI: 10.1093/mmy/myaf101.
- GONSALES, F. F.; FERNANDES, N. C. C. A.; MANSO, W.; MONTENEGRO, H.; GREMIÃO, I. D. F.; ROCHA, E. M. S.; MONTENEGRO, H.; CARNEIRO, A. J. B.; MELO, F. A.; COIMBRA, V. C. S.; ROSÁRIO, C. J. R. Feline sporotrichosis in an urban setting in northeastern Brazil: clinical and epidemiological aspects in a Municipal Veterinary Hospital. **Brazilian Journal of Biology**, v. 86, e305285, p. 1-8, 2026. DOI: 10.1590/1519-6984.305285.
- GREMIÃO, I. D. F.; ROCHA, E. M. S.; MONTENEGRO, H.; CARNEIRO, A. J. B.; XAVIER, M. O.; FARIAS, M. R.; MONTI, F.; MANSO, W.; PEREIRA, R. H. M. A.; PEREIRA, S. A.; LOPES-BEZERRA, L. M. Guideline for the management of feline sporotrichosis caused by *Sporothrix brasiliensis* and literature review. **Brazilian Journal of Microbiology**, v. 52, n. 1, p. 107-124, 2021. DOI: 10.1007/s42770-020-00365-3.
- MURATORI, M. C. S. Esporotricose felina: conduta clínica, diagnóstico e tratamento preconizado no município de Vitória – ES. **Research, Society and**

Development, v. 11, n. 10, e589111031028, p. 1-11, 2022. DOI: 10.33448/rds-v11i10.31028.

OLIVEIRA, C. S. F.; SOARES, D. F. M.; MORAIS, M. H. F.; BRANDÃO, S. T.; MENEZES, OLIVEIRA, P. R. F.; CARVALHO, J. A.; COSTA, T. R.; SILVA, B. P.; SILVA, G. G.; PASSOS, J. F.; BELFORT, C. L. C.; SILVA, D. M. C.; PEREIRA, J. G.; LACERDA, L. M.; PEREIRA, S. A.; LOPES-BEZERRA, L. M. Guideline for the management of feline sporotrichosis caused by *Sporothrix brasiliensis* and literature revision. **Brazilian Journal of Microbiology**, v. 52, n. 1, p. 107-124, 2021. DOI: 10.1007/s42770-020-00365-3.

PODESTÁ JUNIOR, R. L.; COSTA, B. E.; SILVA, E. N.; SANTOS, T. C. F.; COSTA, L. F.; PRADO, B. B. P.; SALLES, B. C. C.; OLIVEIRA, N. M. S.; GARCIA, J. A. D.; QUINTANA, M. S. B.; GREMIÃO, I. D. F. Association of itraconazole and potassium iodide in the treatment of feline sporotrichosis: a prospective study. **Medical Mycology**, v. 54, n. 7, p. 684-690, 2016. DOI: 10.1093/mmy/myw027.

R. C.; ECCO, R. Feline sporotrichosis: characterization of cutaneous and extracutaneous lesions using different diagnostic methods. **Veterinary Pathology**, v. 61, n. 2, p. 221-231, 2024. DOI: 10.1177/03009858231189448.

REIS, É. G.; SCHUBACH, T. M. P.; PEREIRA, S. A.; SILVA, J. N.; CARVALHO, B. W.; **Research agenda of sporotrichosis on the silver anniversary of zoonotic sporotrichosis in Rio de Janeiro, Brazil**. Memórias do Instituto Oswaldo Cruz, v. 119, e230208, p. 1-14, 2024. DOI: 10.1590/0074-02760230208.

RODRIGUES, A. M.; MOTA, R. A. **Emerging cases of cat-transmitted sporotrichosis driven by *Sporothrix brasiliensis* in Northeast Brazil**. Mycopathologia, v. 189, n. 4, art. 66, p. 1-10, 2024. DOI: 10.1007/s11046-024-00873-y.

SANTOS, A. F.; AZEVEDO, M. I.; AMARAL, C. I.; GROM, N. A.; MARINHO, F.; SCUARCIALUPI, L. N.; MORAES, G. C.; PEREIRA, F. C.; ALEXANDRE, Y. S.; Society for Human and Animal Mycology (ISHAM) One Health Sporotrichosis Working Group Proceedings—Bogotá, Colombia, 2024 INFOCUS Conference. **Medical Mycology**, v. 63, n. 11, myaf101, p. 1-12, 2025. DOI: 10.1093/mmy/myaf101.

SCUARCIALUPI, L. N.; MORAES, G. C.; PEREIRA, F. C.; ALEXANDRE, Y. S.; BAQUERO, O. S. **Vigilância epidemiológica de doenças tropicais negligenciadas em áreas silenciosas: o caso da esporotricose zoonótica**. Ciência & Saúde Coletiva, v. 30, n. 3, e10572023, p. 1-10, 2025. DOI: 10.1590/1413-81232025303.10572023.

SOUZA, I. M. R.; MELO, T. A.; FRAGA, E. C.; NETA, A. V. C.; ANDRADE, F. H. E.; ALMEIDA-SOUZA, F.; RIBEIRO, L. S. S.; ABREU-SILVA, A. L. **Phylogenetic analysis of *Sporothrix brasiliensis* isolated from feline sporotrichosis on São Luís Island, Maranhão, Brazil**. Pesquisa Veterinária Brasileira, v. 45, e07581, p. 1-9, 2025. DOI: 10.1590/1678-5150-PVB-7581.